



Querida Amazônia e os Sonhos do Papa Francisco

Conversão cultural – chaves de leitura

Pe. Ricardo Castro¹

1. O SONHO DE DEUS NA CRIAÇÃO

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.

Em tempos caóticos de desestruturação social e natural, ansiamos por um mundo possível onde todos caibam. As Escrituras nos dizem que este sonho, sonhado pelas mães e pais na fé, só pode acontecer em um nível comunitário, planetário e até universal. Um novo céu e uma nova terra. A nova Jerusalém.

Hoje somos bombardeados por uma gama muito grande de informações sobre os impactos do antropoceno sobre a mãe natureza. Como podemos saber se todos esses fatos [sobre as mudanças climáticas] e ainda podemos ter esperança? Ainda poderemos ser salvos das catástrofes climáticas preconizadas pela ciência e pelos ecologistas?

A fé e a esperança estão enraizadas na convicção de que, independentemente de quão dramáticas as coisas possam ser, uma nova história está esperando para acontecer - algo que ainda não vimos, sentimos ou experimentamos. O Deus da vida, está nos chamando - como cidadãos e cidadãs planetários, irmãos e irmãs - para trabalhar com Ele para defender essa nova história. Sonhar o sonho de Deus para toda a humanidade.

Contudo, estamos espiritualmente e fisicamente enfermos, dependentes e viciados ao trabalho, a produção, ao consumo, a pressa, a ansiedade e ao celular. Estamos em um transe doentio que nos impede de perceber essa nova história, ela permanece invisível. O pesadelo em

¹ Itapes/FSDB – Manaus, Assessor da REPAM-Brasil.

que vivemos nos impede de libertar o nosso futuro das garras do combustível fóssil - nosso vício é muito forte, as opções acessíveis são poucas e os poderes que defendem o status quo são poderosos, de fato. Não podemos ser libertados sem nos desprender dessa pedra de moinho que nos leva para o fundo do lodo. Precisamos sonhar e começar a viver uma nova história, mudando a perspectiva humana [de destruição] e restaurando a viabilidade da criação.

Só podemos aceitar o convite de Deus para desbravar novos caminhos para a humanidade, se estivermos dispostos a agir individualmente e em redes de fraternidade e sororidade, em comunidade e movimentos. Tornamo-nos parceiros de Deus quando somos capazes de escutar nossa ancestralidade, visitar seus sonhos, atualizá-los de modo alternativo no presente, nos preparando para o salto evolutivo no futuro – uma nova humanidade planetária. Esta dinâmica onírica, nos levará a valorização da resiliência dos povos indígenas em lugar de simplesmente desenvolvimento e progresso antropoceno. Uma vida de simplicidade no lugar de consumo. A sabedoria no lugar de progresso. O equilíbrio no lugar das patologias e dependências capitalistas e tecnocráticas. A simplicidade e o complexo em lugar do excessivo, da imediatez e da liquidez. A construção de uma visão de mundo possível em lugar de conveniências, privilégios e meritocracias. A responsabilidade em vez de desconsideração com o agora e com as futuras gerações. Amor revolucionário, da não-violência ativa de Gandhi, Luther King, Chico Mendes e Dorothy, em vez do medo egocêntrico e indiferente aos pobres da terra.

E Deus olhou para sua criação colocada em nossas mãos humanas e viu que ainda não aprendemos a cuidar de nossa Casa Comum, podemos transformá-la em um grande inferno para todos. Mas, Deus sonha que nós humanos possamos ainda nos tornar os jardineiros de sua obra criadora, sustentada pela espiritualidade do corpo e da terra. O sonho de Deus prevê um mundo justo em paz porque a gratidão pode dissolver a ansiedade e a generosidade pode superar a ganância. Deus sonha com uma época em que o amor e o respeito mútuo unirão a humanidade, e a profunda beleza da criação será valorizada. Vamos abraçar o sonho de Deus como se fosse nosso. De repente, o horizonte de nossa esperança se aproxima. Conforme vivemos no sonho de Deus, vamos redescobrir quem realmente somos e com toda a criação cantaremos o cântico das criaturas do Pobrezinho de Assis.

2. O SONHO CULTURAL DA AMAZÔNIA

O objetivo deste sonho é promover a Amazônia, ou seja, fazer de modo que ela própria tire fora o melhor de si mesma. Isto envolve processos educativos, espiritualidades, vida em comunidade: cultivar sem desenraizar, fazer crescer sem enfraquecer a identidade, promover sem invadir. As culturas amazônicas são portadores de uma mensagem ainda não escutada e que estão ameaçadas hoje mais do que nunca.

O que é cultura Amazônica? É como nós amazônidas definimos nossa humanidade, como nos organizamos como sociedade nas diversas funções sociais elaboradas ao longo de nossa história. É como convivemos, regulamos nossos relacionamentos, tomamos decisões e dizemos o que é certo e errado. É como através de nossos símbolos, rituais e mitologias elaboramos os sentidos, o significado, o valor e o que é de fato o real. É como interpretamos a vida e o mundo, damos sentido a vida.

Várias culturas fazem parte dos povos que aqui habitam por milênios e outros que vieram morar aqui ao longo da colonização que fizeram nascer a interculturalidade. O nosso sonho cultural será intercultural devido as três grandes bases culturais que se entrelaçam para exprimir a identidade amazônica: a cultura indígena, a interculturalidade cultural e cultura dos imigrantes. Na sua força dinâmica hoje também é preciso levar em conta o processo de urbanização, que nasce dos fluxos migratórios contemporâneos, nas cidades do interior e nas capitais da Amazônia.

O olhar sobre a História vivida até aqui, traz um convite para decolonizar nossa história. A aceitação e o reconhecimento das diferenças culturais presentes no país transformam-se em marco fundamental desse processo de decolonizar. Mas não basta afirmar as diferenças. É preciso dizer o que as constitui para que a construção sempre dinâmica de nossa identidade se faça com os pés no chão. O nosso grande desafio é contrapor ao método da exclusão, da imposição, da manipulação - elementos substanciais da cultura autoritária colonial - o método da participação, das decisões coletivas, da socialização das informações, da convivência das diferenças, desencadeando processos alternativos para a formação de uma sólida cultura democrática, é o que constrói nossos sonhos.

O sonho cultural da Amazônia está em seu arcabouço mitológico . Em cada narrativa, do corpo mitológico amazônico encontra-se um aspecto, um núcleo que encerra uma verdade estrutural, um arquétipo. Os mitos são de alguma forma o modo como projetamos nossa relação com a natureza e compreendemos suas múltiplas funções: nascimento, vida, morte, ódio, amor, maternidade, paternidade, relacionamentos, saúde, doença, guerra e paz, enfim, tudo que é típico do ser humano em qualquer tempo e lugar. Os conteúdos mantêm sua forma básica, o que varia é a roupagem que caracteriza cada época e lugar. Nesses termos a mitologia é universal, comunga entre si os mesmos conteúdos. Mitos são forças arquetípicas naturais e espontâneas, que emergem em nós, sempre que faz necessário. Se prestarmos atenção em nós mesmos, veremos que o mito não é algo do passado, encontra-se de forma viva e atuante nos sonhos, nas fantasias, imagem, visões, nas artes em geral. Nascem espontaneamente. Mitos são individuais e coletivos. O mito não se opõe ao científico, ao contrário, este seria sua própria mãe. O objetivo do mito, assim como da ciência é a explicação do micro e do macrocosmo, tornar os fenômenos da vida compreensíveis. Dar sentido e finalidade aos elementos do universo.

Os mitos amazônicos expressam a ideia fundamental de que o universo deve estar em equilíbrio, uma vez que essa é a razão da existência, conviver o universo em harmonia. As partes mais importantes da natureza são habitadas por seres sobrenaturais. Estes aspectos levam à luta pela sobrevivência, na conservação de suas culturas, no sustento e na resistência a todas as formas destruidoras que lhes são infligidas, desde o extermínio dos séculos passados, até a manipulação de seu saber e até mesmo de suas vidas, pelas sociedades pós-modernas.

Os mitos ribeirinhos estão diretamente ligados a situações que envolvem a relação do ser humano com a natureza. O mito se funda sobre uma experiência concreta que transforma o agir, o modo de pensar e sua postura frente a vida. Os fatos relatados são verdades vividas pelos narradores. Entre os muitos Seres das florestas e das águas, são registrados os curupiras, descritos à semelhança de caboclinhos que habitam a mata; os anhangás, “visagens”, na linguagem regional, que ora surgem sob a forma de um pássaro, ora como veados de olhos de fogo, ou como simples aparição sem aspecto definido; a cobra grande, que aparece comumente como uma sucuriçu de grande porte, mas que também pode aparecer sob a forma de um “navio encantado”; as matintasperera, outra “visagem” que se identifica por um pássaro negro, seu xerimbabo (bicho de estimação); os botos, que acredita sejam encantados e possam se transformar em seres humanos. Embora tenham fama de sedutores de mulheres, os botos são particularmente temidos por seu poder maligno; os companheiros de fundo, “encantados” que habitam o fundo dos rios e igarapés; e as mães de bicho, entidades protetoras da vida animal e vegetal.

Existem também as visagens. Em geral, estão associados a determinados lugares da natureza: rio, igarapé, ou um trecho da mata. A malineza resulta do fato de que as visagens dominam ou controlam uma área do ambiente natural, a mata e os rios. Essas entidades protegem os animais da floresta, das águas e os seres humanos, sendo conhecidos pelas suas proezas e aparições.

O papel das festas populares, como a de Nossa Senhora de Nazaré, Imaculada Conceição, Nossa Senhora do Carmo, trazidas até este contexto pelos missionários católicos, parece manter e organizar a mistura de diferentes identidades e crenças que refletem de modo geral imagens arquetípicas, presentes no sincretismo da religiosidade popular. Essa religiosidade, além de ser uma motivação para a atividade religiosa e a devoção, aparece também como um ajustamento entre as ações do ser humano a uma ordem cósmica imaginada e projetada no plano da experiência humana. Esse arquétipo se aplica ao Feminino da psique humana, e assim sendo, é presente mesmo em tradições predominantemente masculinas, como é o caso do cristianismo. Na imagem da Yara, Mãe das Águas e de Nossa Senhora, e das suas muitas faces, percebemos o arquétipo da Grande Mãe como protetora, defensora, sustentadora e mantenedora da natureza e da humanidade.

A divindade vem sempre representada pela cultura sob o simbolismo paterno e materno. Este simbolismo está a serviço de dois tipos religiosos fundamentais: um ctônico (telúrico), orientado para a terra, a vida, a geração, os mistérios da morte: é a religião maternal. O outro é mais urânico (celestial), orientado para o céu, a infinitude, a transcendência: é a religião paternal.

As práticas que dão acesso a esta relação direta e pessoal podem ter caráter individual como oração, novenas, práticas de piedade diante de imagens de santos, ou coletivo (como festa, procissão). O devoto entra em contato com seu santo, para alcançar deles vantagens concretas, visíveis. Os santos se engajam a favor dos seus devotos nas dificuldades deste mundo: doenças, problemas de família, assuntos de amor e desemprego. Nesse caso, a relação com o sagrado é, também, direta, sem mediação da Igreja. Uma religiosidade bem democrática, onde o devoto não precisa da autoridade eclesiástica para cultuar seu santo de devoção.

3. Sonhando o sonho intercultural amazônico

Sonhamos o resgate de elementos integradores das relações perdidas com a terra, como o nosso NÓS, com a vivência comunitária. Sonhamos com uma imagem de Deus miscigenada (indígena, ribeirinha e preta). Sonhamos com uma espiritualidade a partir de nossas culturas e da alma amazônica. Sonhamos a vivência de nossa condição humana no ritmo dos rios e florestas. Sonhamos com uma maior harmonia e integração com a natureza/terra/água/florestas e animais. Sonhamos com as festas: celebrar o sagrado da vida. Sonhamos com a valorização e o respeito pelos lugares sagrados da natureza (rios, florestas, pedras e montanhas). Sonhamos com a valorização e respeito com os nossos sábios: pajés, xamãs, benzedeiros, avós, idosos, pais, mães, padrinhos e madrinhas. Sonhamos com a valorização e respeito pela nossa arte de cozinhar, nossa medicina tradicional, natural, holística. Sonhamos com uma educação de qualidade que valorize nossos saberes para melhor vivenciar nossa própria identidade para dialogar com o Outro. Sonhamos com a não-violência como um modo de ser amazônica. Sonhamos com uma convivência que se forja na conversa dos terreiros, nos apadrinhamentos, na interdependência solidária. Sonhamos com um mundo onde o mais importante não seja acumular, mas viver do suficiente, na solidariedade e na partilha. Sonhamos com um Deus que está presente em todas as coisas e engloba toda a vida, com a natureza como reino dos encantados, com o atravessar e navegar nos rios da Amazônia como paradigma de vida, fazer memória de nossos ancestrais indígenas e africanos, mártires da fé e nossos santos de devoção.

4. REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CASTRO, Ricardo. **Amazônia, Novos caminhos nas relações entre homem e mulher**, São Paulo: Paulinas, 2020

DOCUMENTO FINAL, AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL,
<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.pdf>

ELIADE, Mircea. **Mitos, Sonhos e Mistérios**, Lisboa: Edições 70, 1957.

GALVÃO, Eduardo. **A vida religiosa do caboclo da Amazônia**. Boletim do Museu Nacional, N.S., Antropologia, n. 15, 1953.

LÉVI-STRAUSS Claude. **O cru e o cozido. Mitológicas 1**. São Paulo, CosacNaify, 2004.

_____. **Do mel às cinzas. Mitológicas 2**. São Paulo, CosacNaify, 2004. 500 páginas.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: Uma poética do imaginário**. 5ª ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

MAUÉS, R. Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP.

PAPA FRANCISCO, **Querida Amazônia**, São Paulo: Paulus, 2020;